

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO

Manifestações Religiosas. Símbolos. Ritos.
Dogmas. O Sagrado e o Profano.



INSTITUTO DE TEOLOGIA
LOGOS

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-075-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON75

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 123 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO – COMPREENDENDO AS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS	8
1.1. CONCEITUANDO FENOMENOLOGIA	9
1.2. CONCEITUANDO RELIGIÃO.....	9
1.3. RELIGIÃO E MAGIA	10
1.4. FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO	11
1.5. A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA.....	12
1.6. ÉPOCHÉ E EIDÉTICA.....	13
1.7. VISÃO ÉTICA E ÊMICA.....	14
1.8. A ANÁLISE FENOMENOLÓGICA NA PRÁTICA	16
1.9. FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO E A TEOLOGIA BÍBLICA.....	19
1.10. TEOLOGIA BÍBLICA COMO RESPONDENTE CULTURAL	20
1.11. AS PERGUNTAS SÃO CULTURAIS E OCULTAS	22
1.12. AS RESPOSTAS SÃO BÍBLICAS E REVELADAS.....	24
2 - FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO E DISCERNIMENTO ESPIRITUAL	28
2.1. O REINO DA LUZ E O DOMÍNIO DAS TREVAS	28
2.2. A INFLUÊNCIA DO MAL SOBRE AS CULTURAS	30
3 - OS VÁRIOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO DO FENÔMENO RELIGIOSO	35
3.1. ESCOLAS HISTÓRICO-RELIGIOSAS.....	35
3.2. ESCOLAS LINGUÍSTICAS	36
3.3. ESCOLAS PSICOLÓGICAS.....	37
3.4. ESCOLAS SOCIOLÓGICAS	38
3.5. ESCOLAS ANTROPOLÓGICAS	39
4 - FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO E TEOLOGIA BÍBLICA	42
4.1. TEOLOGIA BÍBLICA COMO RESPONDENTE CULTURAL	42
4.2. AS PERGUNTAS SÃO CULTURAIS E OCULTAS.....	44
4.3. AS RESPOSTAS SÃO BÍBLICAS E REVELADAS.....	45
5 - DISTINGUINDO O SAGRADO DO PROFANO	49
5.1. FORÇAS PESSOAIS.....	51
5.2. FORÇAS IMPESSOAIS	54
5.3. OUTROS ELEMENTOS SAGRADOS.....	55
5.4. A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO	57
5.5. PODERES SÓCIO-RELIGIOSOS	58
5.6. DESSACRALIZAÇÃO DO UNIVERSO	61
6 - SÍMBOLO - A TRANSIGNIFICAÇÃO DOS OBJETOS	64

6.1.	Os SÍMBOLOS PODEM SER RESULTADOS DE EXPERIÊNCIAS	65
6.2.	Os SÍMBOLOS PODEM SER ANALÓGICOS.....	66
6.3.	SÍMBOLOS UNIVERSAIS.....	67
6.4.	COMPREENDENDO O SÍMBOLO DO DIVINO	69
7 -	OS RITOS RELIGIOSOS MAIS COMUNS	76
8 -	SINCRETISMO – DIFERENCIANDO AS FONTES RELIGIOSAS	85
8.1.	O QUE É SINCRETISMO?	85
8.2.	EXEMPLOS BÍBLICOS DE SINCRETISMO	86
8.3.	NÍVEIS DE SINCRETISMO.....	87
8.4.	CAUSAS DO SINCRETISMO	89
8.5.	LIDANDO COM POVOS SINCRETISTAS.....	90
9 -	DOGMAS.....	95
9.1.	EXEMPLOS DE RELIGIÕES DOGMÁTICAS.....	95
9.2.	NOMINALISMO RELIGIOSO	96
9.3.	RELIGIOSIDADE POPULAR	97
9.4.	RELIGIÃO OU COSMOVISÃO?	98
10 -	O SAGRADO E OS FRUTOS DO FILOSOFAR SOBRE O SER	101
10.1.	SOBRE O SAGRADO E A SAÚDE DO SER.....	101
10.2.	FILOSOFIA E DEUS COMO SER: ONTO-TEOLOGIA?	101
10.3.	RACIONALISMO E O SAGRADO COMO SER: NO HORIZONTE DO MISTÉRIO.....	104
11 -	A EXPERIÊNCIA DO SAGRADO E FILOSOFIA HOJE: DA OMISSÃO ÀS POSSIBILIDADES.....	108
11.1.	O FILOSOFAR HOJE E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	108
11.2.	FILOSOFAR COM SENTIDO DE SALVAÇÃO: AUTORREFLEXÃO, PENSAMENTO ALARGADO E SABEDORIA DO AMOR	111
11.3.	ESPIRITUALIDADE MATERIALISTA?	112
11.4.	TRANSCENDÊNCIA NA IMANÊNCIA – THEORIA COMO AUTORREFLEXÃO	113
11.5.	FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO: A DIFÍCIL ARTE DE TORNAR-SE PLURALISTA.....	116
11.6.	FUNDAMENTALISMO DA RELIGIÃO DE MERCADO	117
11.7.	ÚLTIMA PONDERAÇÃO: ESPIRITUALIDADE, MÍSTICA E CONTEMPLAÇÃO.....	119

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



AULA
01

1 - FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO – COMPREENDENDO AS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS

A fenomenologia se firmou como corrente filosófica e método científico somente no século 20, ao se distanciar do estudo comparado das religiões. O termo “fenomenologia” surgiu em 1764, com o matemático e filósofo suíço-alemão Johann Heinrich Lambert (1728- 1777). Entretanto, o alemão, de ascendência judaica, Edmund Husserl (1859-1938) que é considerado o “pai da fenomenologia”. Com sua obra “Investigações Lógicas” (1900-1901), ele desenvolveu o método fenomenológico de tal forma que o mesmo passou a constituir o centro de gravidade de grande parcela do pensamento filosófico do século 20 e sua influência estendeu-se a todas as ciências humanas. Como método científico, a fenomenologia pode ser utilizada pelas mais diferentes áreas de conhecimento, ciências e meios de expressão que o homem possa desenvolver.

Já a expressão “fenomenologia da religião” foi criada pelo holandês, historiador das religiões, Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye (1848-1920). Na primeira edição da sua obra “Manual de História das Religiões” (1887) usou essa expressão, entretanto, não indicava com a mesma um novo método, mas apenas uma alternativa terminológica para a chamada religiões comparadas. Isso ficou evidente quando, dez anos depois, na segunda edição do seu “Manual”, suprimiu a referida seção.

Assim, a primeira expressão significativa da fenomenologia da religião vem do holandês Gerardus van der Leeuw (1890-1950), na sua “Fenomenologia da Religião” (1933). Ligado à fenomenologia filosófica de Husserl, Leeuw propõe um método de compreensão da experiência religiosa, e não apenas de descrição, a partir da análise das suas linguagens ou meios de manifestação – os fenômenos. Para ele, a meta da pesquisa fenomenológica é atingir a essência da religião, essência esta que o fenomenólogo alemão Gustav Mensching (1901- 1978), contemporâneo de Leeuw, definiria como “a experiência do encontro com o Sagrado”¹.

Apesar de se afastar um pouco da linha filosófica, van der Leeuw retoma pelo menos dois conceitos básicos de Husserl: a epoché e a visão eidética. Epoché é a suspensão do juízo que o fenomenólogo deve operar se quiser compreender realmente o fenômeno estudado. E visão eidética é a busca pela essência do fenômeno em questão².

Mensching é um dos representantes da escola fenomenológica alemã de Marburgo, fundada pelo iminente Rudolf Otto (1869-1937), com seu livro “O Sagrado” (1917). Apesar de não ser especificamente uma obra fenomenológica, este livro ofereceu um modelo de

análise fenomenológica em chave hermenêutica da experiência religiosa. Se Otto não chegou a ser um fenomenólogo, seus alunos o foram, aprimorando o método de análise fenomenológica compreensiva, típico da escola de Marburgo.

Um dos nomes mais citados na fenomenologia da religião é o romeno, que se radicou nos Estados Unidos, Mircea Eliade (1907-1986). A bem da verdade, Eliade foi um historiador das religiões e não um fenomenólogo, mas suas pesquisas foram tão extensas que acabou deixando um material de valor inestimável para a fenomenologia religiosa.

A escola fenomenológica lança mão de princípios metodológicos de basicamente todas as demais escolas, mas se distingue por buscar compreender o que a experiência religiosa significa para o próprio homem religioso. O argentino, professor de fenomenologia da religião, José Severino Croatto (1930-2004), sintetiza isso da seguinte forma:

“Aplicada à(s) religião(ões), a fenomenologia não estuda os fatos religiosos em si mesmos (o que é tarefa da história das religiões), mas sua intencionalidade (seus eidos) ou essência. A pergunta do historiador é sobre quais são os testemunhos do ser humano religioso, a pergunta do fenomenólogo é sobre o que significam. Não o que significam para o estudioso, mas para o homo religiosus, que vive a experiência do sagrado e a manifesta nesses testemunhos ou “fenômenos”.

Entre os cientistas da religião, tem sido defendido que a investigação fenomenológica é a melhor opção para se aproximar, o máximo possível, do significado real da experiência religiosa.

1.1. Conceituando Fenomenologia

O termo “fenômeno” vem do grego *phainomenon*, que significa literalmente “aquilo que aparece”, “que se mostra”. Logo, fenomenologia é, literalmente, “o estudo do que aparece”. Mas, obviamente, como método científico, o termo vai muito além do seu significado literal. A fenomenologia é uma tentativa de compreender a essência da experiência humana, seja ela psicológica, social, cultural ou religiosa, a partir da análise das suas manifestações, que chamamos de fenômenos. É uma tentativa de compreensão não do ponto de vista do observador, mas do ponto de vista da própria pessoa que teve a experiência. No meio lingüístico e antropológico, isso seria chamado de ponto de vista êmico.

1.2. Conceituando Religião

Já “religião” é um termo conceitualmente bastante complexo. Aceitamos geralmente que religião vem do latim *religare*, significando assim “religar”, ou seja, religião é o meio de

religar o homem a Deus. Entretanto, historicamente isto nem sempre foi assim. Sérvio Sulpício afirmou, em época bem remota, que a palavra religião deriva de relinquare = “deixar”, “abandonar”. Cícero (século 1 a.C.) sugeria como origem o termo relegere = “observância do rito”. Foi Lactâncio (séculos 3 e 4 d.C.) quem sugeriu o termo religare = “religar”. Agostinho (século 4 d.C.) também entrou nesta questão, tentando melhorar a conceituação de Cícero com o termo religere = “reeleger”, mas posteriormente concordou com Lactâncio no termo religare = “religar”. Tomás de Aquino (1224-1274) retoma a questão numa tentativa de unificar as sugestões de Cícero e Lactâncio, sugerindo os termos relectione = “reescolha” e religatione = “religação”. Mas Aquino vai além, reinterpretando Agostinho e tentando dar um basta na questão, ao concluir que religião implica propriamente numa relação com Deus.

Filoramo e Prandi comentam sobre certo pesquisador que comparando 68 respostas que lhe foram enviadas por colegas sobre o modo como definiam religião, objeto de seus estudos, não encontrou sequer duas iguais.

Esses comentários são apenas para demonstrar que, tanto etimológica como historicamente, não há um consenso simples quanto à conceituação de religião. Nos afastaremos aqui das tentativas de definições etimológicas, optando pelas conceituações de cunho antropológico. Neste meio, várias conceituações já foram sugeridas, mas aceitamos neste trabalho a sugestão do antropólogo e missiólogo alemão Paul Hiebert, que conceitua religião como “um sistema explicatório que trata das últimas questões da vida e da morte, das razões da própria existência”. Nessa mesma linha também podemos citar o conhecido antropólogo americano Clifford Geertz, que entende a “religião como um sistema cultural”.

Para Felix Keesing, a religião é um sistema explanatório e também interpretativo. Explanatório à medida que responde sistematicamente aos porquês totais, relacionados diretamente com a existência – natureza do mundo e do homem; poder – forças dinâmicas do universo; providência – funções de manutenção do bem-estar; moralidade – vida e morte dos indivíduos. E interpretativo porque tende a interpretar todo o comportamento importante e valorizado, ligando-se aos diferentes setores da vida humana, como economia, política, família, lazer, estética e segurança.

1.3. Religião e Magia

Os estudiosos, tanto da antropologia como da fenomenologia, têm procurado traçar uma distinção entre religião e magia. Os antropólogos americanos Adamson Hoebel e Everett Frost comentam sobre esta questão dizendo que religião é quando a pessoa é subordinada aos seres espirituais, enquanto magia é quando a pessoa domina e controla as forças sobrenaturais. Na religião, a oração é uma busca de relacionamento com o

sobrenatural de forma submissa, enquanto na magia a mesma oração visa manipular o divino. Nesse processo de manipulação do divino, o mago age com uma confiança semelhante ao estudante de laboratório que sabe que, se seguir corretamente as instruções do manual, obterá o resultado esperado.

Malinowski exemplifica isso contrastando um rito para evitar um aborto (magia) com um rito de comemoração do nascimento de uma criança (religião):

“Compare-se um rito destinado a evitar a morte no parto, com outro costume típico, uma cerimônia de celebração de um nascimento. O primeiro rito é executado como meio para atingir um fim, tem um objetivo prático definido que é conhecido de todos os que o praticam e pode ser facilmente descoberto por qualquer informador nativo. A cerimônia pós-natal, digamos a apresentação de um recém-nascido, ou uma festa para comemoração do acontecimento, não tem qualquer objetivo; não é um meio para atingir um fim, é o próprio fim.”

Durkheim distingue basicamente religião como sendo benéfica e coletiva, enquanto magia, individual e anti-social. Assim, a religião é algo socialmente aprovado, enquanto a magia é censurada pelo grupo social. Para Malinowski, magia e religião estão sempre juntas, agindo lado a lado, seja na construção de uma canoa, na pesca, na guerra, ou na saúde e na morte. Para ele, a religião atende as necessidades emocionais, enquanto a magia as necessidades técnicas.

Apesar de concordar até certo ponto com essa diferenciação, neste trabalho trataremos a magia como uma forma de manifestação religiosa e não como um sistema distinto. Outra distinção terminológica que faremos aqui é entre religião e religiosidade. Neste trabalho, enquanto o termo religião se refere a esse sistema explicatório, supramencionado, o termo religiosidade se refere à manifestação ativa da religião. É a prática religiosa em si, como vivenciada pelo homem religioso.

1.4. Fenomenologia da Religião

Segundo o professor de fenomenologia Antônio Mendonça, “a fenomenologia da religião pode ser vista num duplo sentido: uma ciência independente, com suas pesquisas e publicações, mas também como um método que faz uso de princípios próprios”. A intenção deste trabalho é apresentar a fenomenologia da religião como método de pesquisa e, enquanto tal, William Paden a define como “o estudo das coisas em seus aspectos observáveis, contrapondo-se à sua causalidade”. Ou seja, é o estudo das causas religiosas através da observação das suas manifestações. Entretanto, a questão da causalidade é um pouco controversa. Assim, preferimos trabalhar com o conceito de

idéias. Por trás das manifestações religiosas existem idéias que determinam o real significado da experiência para aquele que a experimenta.

Ângela Bello, professora de história da filosofia em Roma, usa o termo “fenomenologia arqueológica” para se referir a esse esforço em busca das idéias por trás dos fenômenos. Para ela, a fenomenologia é uma investigação regressiva que permite escavar no interior da consciência individual e coletiva, até alcançar o significado real da experiência religiosa. A análise fenomenológica é como o trabalho do arqueólogo. A partir de uma pequena evidência que aparece no solo, ele escava até descobrir grandes fosséis escondidos sob os seus pés. Os fenômenos ou manifestações religiosas são apenas pequenas evidências que se mostram. Cabe ao fenomenólogo intuir através delas até alcançar o seu significado mais profundo. Detrás de cada fenômeno há uma idéia, um significado. É essa idéia que a fenomenologia procura compreender. A pergunta mais básica no estudo fenomenológico é: “qual idéia cultural está por trás de cada fenômeno?”

1.5. A Experiência Religiosa

A experiência é a forma básica de aquisição de conhecimento. Nada chega ao nosso intelecto sem causar uma experiência pessoal, quer seja empírica ou existencial. A experiência existencial pode ser física, social, moral, metafísica ou religiosa. Assim sendo, a religiosidade está intimamente relacionada com a experiência, no caso, com o sagrado.

Se referindo a um contexto cristão, Piazza afirma, como já havia dito Mensching, que “a essência da experiência religiosa é o ‘encontro’ do homem com Deus”. Generalizando esse raciocínio, podemos então dizer que a experiência religiosa consiste no “encontro” do homem com o sagrado. Tácito Leite Filho chama esse mesmo fato de “relações do homem com a divindade”, as quais, para ele, constituem a base de todas as religiões. Vale lembrar, que o cristão pode contar com a Bíblia para conhecer a Deus, mas a maioria dos religiosos só pode contar com a própria experiência para conhecer o divino.

Apesar de não se tratar de uma obra especificamente fenomenológica, o livro “O Sagrado”, de Rudolf Otto, tem sido considerado a ponte da fenomenologia filosófica de Husserl para a fenomenologia da religião de Leuw. Nele, Otto analisa a experiência religiosa afirmando que a mesma tem por agente o “sagrado”, que se manifesta como um “mistério tremendo e fascinante”. “Mistério” porque é algo maravilhoso, que transcende a compreensão do homem, totalmente outro; “tremendo” porque é uma potência estranha, que se impõe de forma absoluta; e “fascinante” porque desperta curiosidade, causa fascínio. Ou seja, a experiência religiosa se dá quando o homem entra em contato com o sagrado e isso lhe causa um “sentimento de estado de criatura”, enchendo o seu ser de perguntas, terror e admiração.

A experiência religiosa é ao mesmo tempo individual e comunitária. Individual porque o homem religioso a experimenta na sua particularidade. Comunitária porque esse mesmo homem não a contém e por isso comunica com outros sobre a mesma. Neste processo, a experiência religiosa se manifesta através de linguagens próprias, que se apresentam em forma de fenômenos. São estes fenômenos que constituem o objeto da fenomenologia da religião.

1.6. Epoché e Eidética

Estes dois conceitos se tornaram o principal diferencial da fenomenologia, pois enquanto os demais métodos científicos excluía a subjetividade em favor da objetividade, Husserl sugeriu ser possível compreender o subjetivo, a essência, o eidos. Na sua época, estava em voga o psicologismo para o qual a experiência religiosa não passava de um subproduto da psique humana. A fenomenologia muda o foco da análise, afirmando que, independente dessa experiência ser um produto da psique ou um real encontro com o sagrado, o que interessa é compreender o que a mesma significa para o homem religioso, aquele que vivencia tal experiência. Na linguagem do próprio Husserl, é o “voltar às coisas mesmas”.

A visão eidética é a busca por essa essência do fenômeno. É a tentativa de ver o fenômeno como o próprio homem religioso vê. Para isso é necessário a epoché, a suspensão do juízo, dos pressupostos. O sociólogo clássico se aproxima do homem religioso já pressupondo que a experiência do mesmo é fruto do viver social. O psicólogo clássico pressupõe de antemão ser um resultado da psique. O fenomenólogo tentará não pressupor nada.

Algumas observações aqui se fazem necessárias. Obviamente, como missionários não concordamos com todos os postulados e pressupostos da fenomenologia. Para o fenomenólogo, compreender a experiência religiosa é o fim da sua análise. Para nós, é apenas o meio. Para o fenomenólogo, essa suspensão de juízo é definitiva, perpétua. Para nós, deve ser apenas no primeiro momento, até alcançarmos uma compreensão relevante do fenômeno. A epoché é necessária no primeiro momento, porque se não retardarmos um pouco nosso julgamento bíblico-teológico, chegaremos a muitas conclusões erradas e nossa mensagem não terá relevância.

Uma segunda observação é que, mesmo no meio científico, já é consenso a impossibilidade de uma epoché total. A total neutralidade na pesquisa científica é uma falácia. É impossível uma total suspensão de juízo. Alguns afirmam que um religioso não pode ser um cientista da religião, por causa dos seus pressupostos. Entretanto, um ateu também tem pressupostos em relação à religião e, talvez, mais radicais e preconceituosos do que os do religioso. A dificuldade que ambos terão para suspender o juízo será a

mesma. No entanto, apesar dessa impossibilidade de uma epoché total, é possível uma neutralidade pelo menos parcial e é esta que deve ser buscada no primeiro momento.

Discordamos também do princípio da vivência. Para alguns fenomenólogos, é necessário não apenas suspender o juízo, mas também vivenciar por algum tempo a experiência religiosa em estudo para que se possa compreendê-la bem. É o que defendia van der Leeuw e outros: “precisamos viver aquele conteúdo particular de experiência a fim de poder, em seguida, entender como um outro ser humano por sua vez poderia experimentá-lo”. Esse foi o caso de Roger Bastide que, mesmo se identificando como protestante, iniciou-se no candomblé brasileiro em busca da compreensão do mesmo.

Poderíamos entrar num longo diálogo com os principais teóricos da fenomenologia, discordando de vários dos seus postulados e pressupostos, porém, isto foge do propósito deste trabalho. Nossa intenção é apenas extrair as ferramentas úteis no trabalho missionário oferecidas pela fenomenologia.

Outro elemento que surge na busca pelo eidos é a intuição. Para se aproximar da subjetividade da experiência religiosa é preciso intuir. Esse conceito vem do teólogo e filósofo alemão Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), que precedeu o movimento fenomenológico, mas deixou muitas contribuições para o mesmo. Tommy Goto o chama de “pré-fenomenólogo”. O conceito de intuição em Schleiermacher é tão central que ele chega a confundir-lo com a essência da religião, mas o movimento fenomenológico o redefiniu, fazendo do mesmo uma ferramenta de busca do eidos. Somente através de uma atitude intuitiva é possível se aproximar do sentido real do fenômeno religioso, pois o mesmo não é algo lógico.

1.7. Visão Ética e Êmica

O missionário lingüista Kenneth Pike (1912-2000) desenvolveu dois conceitos fundamentais em análise lingüística, chamados perspectivas ética e êmica. Estes conceitos alcançaram a academia antropológica se tornando elementos fundamentais também para a análise cultural. Tornaram-se ainda igualmente fundamentais na fenomenologia para a análise religiosa. São conceitos bem relacionados com a epoché e visão eidética de Husserl.

Perspectiva ética é a visão externa, do observador, numa postura transcultural, comparativa e descritiva. Perspectiva êmica é a visão interna, do observado, numa postura cultural, particular e analítica. Perspectiva ética é de quem está olhando de fora. Perspectiva êmica é de quem olha de dentro. Ética é a visão do “eu” em direção ao “outro”. Êmica é a visão do “eu” em direção ao “nosso”. Ou como comentam Hoebel e Frost,

“Quando vista de fora e expressa por um observador que não é, por educação e vivência, completamente enculturado com a cultura observada e escrita, a visão é chamada “ética”. A visão interna é chamada de “êmica”.

Para os etnólogos africanistas Philippe Laburthe-Tolra e Jean-Pierre Warnier, os fenômenos êmicos são aqueles elementos realmente funcionais do corpus cognitivo, enquanto os éticos são pura roupagem, sem incidência sobre os conteúdos cognitivos.

A perspectiva ética é inevitável e necessária. Sempre que observamos qualquer comportamento nós emitimos juízo sobre o mesmo. Avaliamos o que para nós é certo ou errado e fazemos um julgamento de valores. Como missionários, fazemos um julgamento baseado em nossos princípios cristãos, teológicos, missiológicos e hermenêuticos. Obviamente, precisamos mesmo fazer isso, pois afinal nosso objetivo é levar um evangelho que propõe mudanças. Mas é de extrema importância observar uma cultura primeiramente na perspectiva êmica, procurando compreender como o próprio povo entende cada manifestação cultural e religiosa. Entretanto, ao contrário da perspectiva ética, a êmica não é automática, inevitável, implícita a nossa visão. Pelo contrário, precisamos fazer certo esforço para usá-la, pois equivale a ver o mundo com os olhos do outro.

Quando não procuramos entender o povo a partir de uma perspectiva êmica, geralmente damos respostas para perguntas que não são feitas e nossa apresentação do evangelho fica irrelevante. Por isto, só devemos chegar a conclusões culturais depois que adquirimos uma relevante compreensão êmica de cada fato.

Piazza relata o ocorrido com um missionário católico na África. Próximo à aldeia onde vivia, havia um local em forma de círculo, com uma estaca no meio e uma cabeça de antílope na ponta da mesma. Sempre que os caçadores iam empreender uma caçada, passavam primeiro neste local, empunhavam seus arcos com a mão esquerda e corriam no sentido anti-horário atirando flechas naquela cabeça de antílope até acertarem o alvo. O missionário concluiu então que se tratava de um ritual invocando alguma divindade para ajudar-lhes na caçada. Um dia se aproximou de um caçador e perguntou se acreditava mesmo que aquele ritual o ajudava a ter sucesso na caçada. O caçador lhe respondeu que era apenas um treino de pontaria! A análise e conclusão daquele missionário foi puramente ética, baseada nos seus pressupostos. A resposta do caçador foi êmica. Antes de chegar a uma conclusão sobre qualquer fenômeno, seja cultural, lingüístico ou religioso, é necessário alcançar uma relevante compreensão êmica do mesmo.

1.8. A Análise Fenomenológica na Prática

Uma pergunta que pode ser feita a esta altura é como tudo isso se dá na prática. O antropólogo brasileiro Roberto de Oliveira escreveu um relevante texto sobre pesquisa de campo que pode nos ajudar nesta questão. Para ele, “o trabalho do antropólogo é olhar, ouvir e escrever”. Isto é igualmente válido para o trabalho do missionário na sua análise fenomenológica.

Olhar, ouvir e escrever são três habilidades que todo missionário precisa desenvolver se quiser compreender o povo para o qual vai ministrar. Oliveira chama essas habilidades de “atos cognitivos”, pois é através delas que se torna possível “construir o saber” ou organizar o conhecimento adquirido. Olhar é muito mais que admirar o exótico de forma ingênua, como um turista que, cheio de curiosidade, pára diante do diferente, até então desconhecido. Olhar é observar com atenção e descrição, de forma acurada e intuitiva, tentando perceber o real sentido de cada fenômeno. Portanto, faz-se necessário treinar o olhar. É a partir da observação que se deve fazer perguntas, as quais são fundamentais no processo analítico. Ao observar um fenômeno, queremos logo concluir algo sobre o mesmo, porém, no primeiro momento, muito mais importante que chegar às respostas é fazer perguntas. Sem as perguntas certas jamais chegaremos às respostas certas. E perguntas aqui não são argüições verbais a serem feitas a um “informante”, mas sim, questões de análise que levantamos para nós mesmos e que servirão de um roteiro para nossa observação. A religiosidade do povo se manifesta no seu dia-a-dia, em práticas rotineiras, e não apenas em rituais complexos. Ela permeia todas as áreas da vida. Por isso, é preciso estar atento o tempo todo e tudo que chamar a atenção deve ser analisado.

Por exemplo, no Toré Xacriabá, mencionado na introdução deste trabalho, muitas perguntas podem ser feitas. Por que o local do ritual tem o formato de círculo? Por que chamam aquele lugar de “terreiro”? Pode acontecer em qualquer horário ou só à noite? O que acontece se alguém de “sangue misturado” participar? Por que os participantes devem estar descalços e vestidos de branco? O que quer dizer a suposta cruz de fumaça? O que vem a ser aqueles objetos usados? Por que só o pajé pode manuseá-los? Qual a finalidade da jurema? O que eles crêem a respeito da entidade Yayá? Perguntas. Precisamos fazer perguntas. E no início o que teremos de palpável serão as perguntas, pois as respostas só virão com o tempo, e algumas com muito tempo. Faremos essas perguntas a nós mesmos e, quem sabe, algumas vezes teremos a oportunidade de verbalizar com alguém. No entanto, as principais respostas não são obtidas através de perguntas verbalizadas, pontuais e objetivas, e sim através de falas espontâneas. Por isso, o segundo elemento é igualmente fundamental: além de olhar, é preciso ouvir.

Ouvir é estar atento a conversas informais, narrativas, cânticos, fórmulas verbais de rituais. São nas conversas do dia-a-dia que grande parte da religiosidade é expressa e comentada. Um ouvido atento perceberá o que se comenta sobre os problemas da vida e suas soluções, acerca de entidades e a relação das mesmas com a comunidade. A finalidade de cada fenômeno, as normas e regras de cada ritual, os “porquês” do religioso. Perguntas objetivas dificilmente obterão respostas objetivas, mas conversas informais, na normalidade do dia-a-dia, podem revelar o sentido mais profundo do mundo do outro. Portanto, faz-se necessário um ouvir disciplinado. É claro que, em contexto transcultural, nos primeiros momentos a comunicação será muito limitada e pouco se obterá através do ouvir. Mas se o olhar é acurado, todas as perguntas que vierem à mente desde o primeiro momento podem ser anotadas para uma investigação posterior. Por isso, além de olhar e ouvir é necessário escrever.

Escrever é registrar de forma organizada todas as impressões, perguntas e conclusões. As anotações pessoais com tempo se tornarão um banco de dados. Em um caderno bem organizado, pode-se, por exemplo, anotar todas as observações, descrevendo o que se viu e as perguntas que vieram à mente, deixando uma parte em branco para o futuro registro das respostas e conclusões que se chegar sobre aquele fenômeno. Estas anotações devem conter elementos como local, dia, horário, ambiente e a pessoa diretamente envolvida ou observada. Da mesma forma, deve-se registrar futuramente o que levou o observador às conclusões. Com registros bem organizados ficará bem mais fácil fazer uma análise fenomenológica segura e apresentável. Se for possível digitalizar tais registros, melhor ainda. Quando escrevemos, cristalizamos idéias, alinhamos raciocínio e documentamos informações que poderão ser úteis a outros. Mas, obviamente, todo esse processo deve ser feito com muita discrição e naturalidade. Enquanto o olhar e ouvir acontece no dia-a-dia, junto ao povo, o escrever acontece no “gabinete”. É interessante ter sempre consigo um pequeno bloco e caneta para registro de fatos principais, em especial palavras e expressões desconhecidas, mas o registro detalhado e analítico deve ser feito em casa, na quietude do lar, onde o missionário pode ficar à sos com os seus pensamentos. É necessário disciplina. O ideal é ter um horário diário para registrar as observações do dia. Também é aconselhável ter um diário pessoal, além do caderno de anotações. No diário registra-se a experiência pessoal, os principais fatos que marcam o missionário enquanto pessoa nessa vivência transcultural. É um espaço para registrar seus sentimentos, reações e aprendizado. Isto tornará seu registro histórico. Já no caderno de anotações, registra-se as observações, o apreendido pelo olhar e ouvir, perguntas sobre a cultura e religiosidade, descrição de rituais e o máximo de fenômenos observados, sempre evitando conclusões éticas no primeiro momento, buscando as respostas êmicas.

É consenso entre antropólogos e fenomenólogos que os primeiros meses do contato são fundamentais nesse processo de observação. Muitos fenômenos se tornarão naturais para o observador em pouco tempo e não mais lhe chamarão a atenção. Por isto, é preciso fazer o máximo de anotações e perguntas já nos primeiros momentos. É claro que, algumas questões mais sutis, só serão percebidas com algum tempo de convívio, mas o quanto antes dar início a essa prática de registro, melhor.

Imagine um missionário chegando pela primeira vez num grupo indígena pouco conhecido, em algum lugar da Floresta Amazônica. Ele não conhece uma palavra sequer do idioma, mas tem um bom olhar etnográfico e razoável conhecimento etnológico. Entrando em uma grande maloca, em poucos momentos seu olhar aguçado vasculha o interior da mesma. Logo conta os fogos, acesos ou em resíduos de cinzas e carvão, o que indicará possivelmente quantas famílias ou grupos domésticos habitam aquela maloca. Contando as redes de dormir, perceberá quantas pessoas ou pelo menos quantos adultos vivem ali. Observando onde estão as armas, como arco e flecha, lanças e zarabatanas, logo terá uma possível idéia se os homens e mulheres dormem juntos ou separados. Os utensílios e vestimentas lhe darão uma boa idéia do nível de contato com a sociedade externa. Observando a estrutura arquitetônica da maloca e relacionando a mesma às informações disponíveis na literatura etnológica, será possível ter uma suspeita de qual família etnolinguística aquele grupo deve pertencer.

No primeiro momento mais reservado que tiver, registrará todas essas observações no seu caderno de anotações. Estas idéias iniciais são apenas suspeitas e deverão ser confirmadas. Muitas outras perguntas virão à sua mente e serão registradas também: por que alguns pintam o corpo com listras e outros com círculos? Por que algumas redes estão mais próximas das fogueiras que outras? Por que a maloca não tem janelas?

Esse missionário também tem um bom treinamento lingüístico e, assim, com pouco tempo de convívio já percebe os sons daquela língua, compreende algumas palavras e até frases mais simples. Começará a tomar nota das nomenclaturas de parentesco, percebendo que os tios paternos são chamados pais e os primos paternos chamados irmãos, enquanto o mesmo não se dá com os tios e primos maternos. Isto já lhe dará uma boa idéia acerca do sistema de parentesco.

A análise fenomenológica acontece no mesmo viés, porém, a subjetividade é maior. Poucas conclusões serão possíveis nos primeiros momentos por se tratar de experiências e não de instituições. O alvo é compreender o que cada fenômeno significa para o homem religioso, de forma eidética e êmica. Mas a prática de observação e elaboração de perguntas é a mesma, tendo sempre em mente a pergunta básica: “qual idéia está por trás desse fenômeno?” Andando nos arredores da aldeia com alguns indígenas, o missionário observará que eles sempre tocam em uma determinada árvore ao passar por perto. Qual a

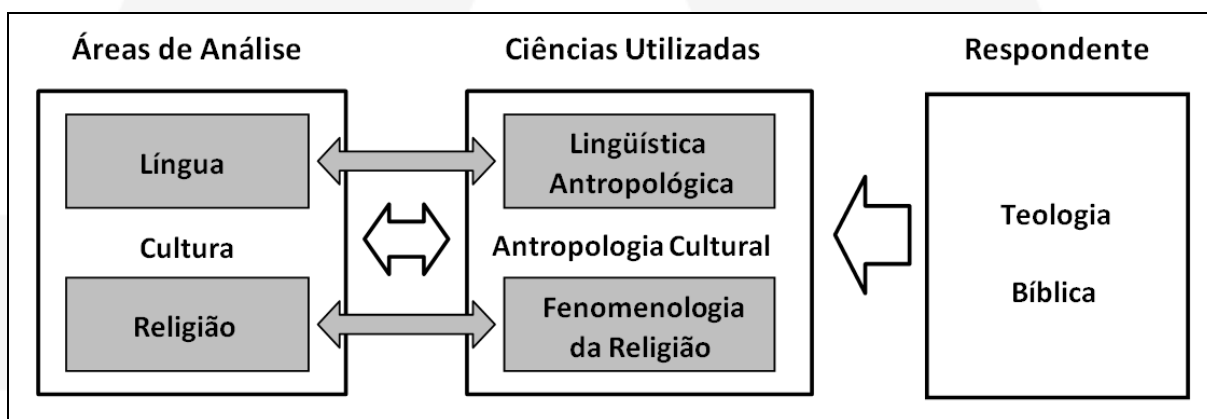
razão? Dão volta ao irem ao rio, para não atravessar um grupo específico de árvores. Será um local sagrado? Parece que algumas palavras jamais são pronunciadas por mulheres. Outras, somente o pajé pronuncia. Será uma fórmula mágica ou algum tabu? Em alguns lugares que os homens passaram corriqueiramente, as mulheres nem se aproximam. Qual o motivo da restrição? Observando um ritual ele perceberá objetos manuseados, palavras e frases proferidas repetidas vezes e alguns nomes até então não ouvidos. Que objetos são estes? E os nomes, seriam de entidades? É preciso fazer perguntas e com o tempo as respostas virão.

Antes de prosseguir, é bom lembrar que a análise fenomenológica não é um fim em si mesma. Como missionários, buscamos compreender a cultura, a língua e a religião de um povo com uma finalidade maior: apresentar-lhes o evangelho. Assim, a fenomenologia, bem como, todos os demais métodos científicos aplicados, é apenas um meio para alcançar o fim. Portanto, é necessário desenvolver um constante diálogo com a teologia bíblica, pois é através dela que o evangelho será apresentado de forma relevante.

1.9. Fenomenologia da Religião e a Teologia Bíblica

Em termos missionários, nada valerá compreender de forma relevante uma religião se não apresentarmos o evangelho também de forma relevante à mesma. Enquanto lançamos mão da fenomenologia da religião para analisar e compreender a religiosidade do povo, devemos lançar mão da teologia bíblica para apresentar respostas relevantes e devidamente contextualizadas às muitas perguntas que a cultura fará ao evangelho. Assim, a fenomenologia nos leva às perguntas certas e a teologia bíblica fornece as respostas certas. O trabalho missionário é, portanto, uma abordagem multidisciplinar.

A TEOLOGIA BÍBLICA COMO RESPONDENTE DAS QUESTÕES RELIGIOSAS



O missionário corre o risco de levar respostas pré-fabricadas para perguntas que ainda nem conhece. Respostas para perguntas não feitas, por mais profundas que sejam para o próprio missionário, não surtirão qualquer efeito para o povo. Estamos acostumados a lidar com perguntas como: De onde venho? Para onde vou? Qual o significado da vida? Entretanto, as perguntas da maioria dos povos de cosmovisão não ocidental, em especial os animistas, são diretamente ligadas aos problemas imediatos da vida: Por que estou doente? Por que meu filho morreu? Quem causou a morte dele? Quem ou o que está causando esta seca prolongada?

Se não tomarmos o devido cuidado, apresentaremos uma teologia importada que pode ter grande relevância para nós mesmos, mas não fazer qualquer sentido ao povo para o qual ministramos. É preciso desenvolver uma teologia bíblica que atenda aos anseios do povo, que vá de encontro aos seus questionamentos e aos seus problemas da vida.

1.10. Teologia Bíblica Como Respondente Cultural

Esta questão da teologia bíblica como respondente cultural tem sido oportunamente levantada por Paul Hiebert. Para ele, quando da interação do evangelho com a cultura, é de extrema importância a elaboração de teologias bíblicas que vão de encontro a questões específicas. É o que ele chama de “contextualização crítica” no processo de lidar com o “velho” – crenças, rituais, histórias, canções, costumes, artes, músicas, etc. Aluna de Hiebert, foi a lingüista-tradutora, bem como antropóloga americana, Frances Popovich que levantou a mesma questão no meio missionário brasileiro.

Teologia bíblica é diferente de teologia sistemática. Ambas partem da Bíblia como revelação divina, mas andam por caminhos diferentes. A teologia sistemática tem um fundamento mais filosófico e trabalha na elaboração de verdades eternas, atemporais e supraculturais, numa perspectiva lógica. A teologia bíblica visa a aplicabilidade prática, trabalhando com ensinamentos e casos bíblicos que se apliquem diretamente a situações reais e temporais, dentro de uma determinada cultura. A teologia sistemática responde à pergunta: “quais são as verdades universais imutáveis?” Já a teologia bíblica responde à pergunta: “o que significam as passagens bíblicas no tempo que elas foram escritas e que lições podemos aprender delas nos dias de hoje, em situações específicas?”

Observe, portanto, que a teologia bíblica é sempre aplicada e não filosófica como a teologia sistemática. A questão central não é o que a Bíblia diz sobre determinado tema, mas o que ela ensina a determinada situação. As cartas de Paulo, na sua maioria, são bons exemplos de teologias bíblicas. Observe a primeira carta aos Coríntios e verificará que Paulo está o tempo todo elaborando teologias bíblicas em resposta a situações específicas:

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia